

#05 Motivação Compassiva e Motivação da Grande Compaixão

Bodicitā – RI 2020

Lama Padma Samten

<inserir o local e a data>

<https://www.acaoparamita.com.br/programa-de-treinamento-em-21-itens/> - #05

Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível.

Caso tenha contribuições para melhorar esta transcrição, entre em contato pelo email repositorio.transcricoes@gmail.com.

Motivação mahayana

Enfim, é o que nós vamos utilizar como eixo no caminho. Essa abordagem é uma primeira abordagem sobre o caminho, então não vou aprofundar muito neste momento, um pouco adiante vou abordar item por item, vou olhar isso com muito detalhe. Eu gostaria de lembrar que olhamos rapidamente as motivações como descritas por Gampopa e agora vamos olhar um pouco mais a motivação mahayana, depois seguiremos com os outros itens, ultrapassando a motivação.

A motivação mahayana poderia ter uma perspectiva comum, ou seja, se por exemplo vemos uma planta sem água tendemos a umedecê-las, se percebemos que falta terra preta, vamos colocar, se vemos um animal ferido temos a tendência a se compadecer e ajudar, se vemos um animal ferido, nos alegramos em ajudar. Essa é a perspectiva comum que também é a perspectiva que os pais utilizam com os filhos de um modo geral. Porque por um tempo, ao olharmos para eles, damos banho, cuida, vai ensinando boas coisas e evitando coisas ruins, alimenta, troca fraldas e vai andando, vai trabalhando. Dessa forma reduzindo o sofrimento daqueles seres e potencializando a vida deles. No entanto, não conseguimos atingir aquilo que é a liberação do sofrimento ou da origem do sofrimento enquanto dukha, enquanto o sofrimento associado à avidya, à moha. Estamos olhando as coisas apenas através das sensações de sofrimento que os seres possam ter, então é natural que os pais tenham uma certa contradição num certo momento e as pessoas comentam isso. Por exemplo, tem os pais que cuidam muito, fazem tudo pelos filhos, na verdade estão estragando os filhos porque os filhos deveriam sofrer um pouco porque desta forma eles aprendem eles mesmos a resolver as suas questões. Estes pais dizem que entendem isso, mas não querem trazer problema para eles, então resolvem! se não é o pai, é a mãe que resolve. Tem sempre uma tendência a fazer as coisas pelos filhos, acalmar, tirar os obstáculos, colocar uma casaco quando está com frio, mesmo que alguém diga que ele tem que passar frio para aprender a buscar o casaco, os pais ainda justificam que se não fizerem, ficarão doentes e são eles, os pais que irão cuidar, será muito pior, é perigoso, enfim. Sempre tem algo assim. (1:16:20) e nunca se sabe muito bem o que se vai fazer. Temos a tendência a acreditar que o outro deveria aprender certas coisas, se tornar independente, mas nós também não queremos que este processo seja penoso, traga dor,

etc. Isso é a perspectiva comum! Porque na vida, porque na vida das pessoas, em nenhum momento os seus pais olham e entendem que os filhos estão operando pelos 12 elos da originação dependente, eles simplesmente não conhecem, nem as palavras, muito menos os estados mentais e as perspectivas que decorrem nesta situação, eles simplesmente tem uma percepção intuitiva do que dói e que não dói, vão socorrendo e a vida vai seguindo. Se vocês olharem os animais, muito mais razão, não tem nenhuma chance deles entenderem o que são os 12 elos, como as coisas se dão, parece totalmente impossível de ter uma compreensão mais profunda, e eles têm um interesse pelos seres por um tempo, depois vão embora. certa vez eu vi um filme onde uma mãe águia estava ensinando o filho, eu fiquei comovido em ver aquilo porque o filho águia, naturalmente com sua boca de águia e a mãe alimentando aquele ser que começa a crescer, crescer e ele fica sempre num galho, ele está sempre ali naquele lugar, ele já é um bichão; então chega um dia em que a mãe vai embora, o filho fica lá chamando, mas a mãe não volta e ele não sabe o que fazer. Ele então pula para um outro galho, daqui a pouco para outro, então aprende a pular de um galho para outro, quando ele pula vê que as asas abrem um pouco e percebe que elas funcionam, assim ele vai indo, mas ele tem uma reserva no corpo que permite que ele faça isso. Depois de duas semanas aparece a mãe com um macaco morto, é claro, magrinho. Dá para ele e vai embora, ele come aquilo, se anima, mas aquilo não sacia a fome. Ele continua pulando, daqui a pouco começa a procurar macacos, aquilo é meio improvável, mas ele termina aprendendo a encontrar a comida dele. (1:19:12) Ainda que a mãe tenha esse meio hábil, esse processo, ela não consegue ver o aspecto do sofrimento no sentido real, isso seria a perspectiva comum, tem um desconforto, vamos lá para ajudar a resolver isso.

Existe a expressão grande compaixão usada por Dilgo Kintse que diz que vem dessa compreensão da origem do sofrimento, dhuka associada à avidya e à moha. O desconforto, o sofrimento, essencialmente vem da ignorância, tem uma mente ampla que se associa a uma coisa menor, no caso a sua identidade e as sensações que brotam de corpo e fica dependente disso. Essa estrutura de dependência é considerada o grande sofrimento, isso é dukkha, essa estrutura. A manifestação de dukkha se dá não apenas no sofrimento comum, mas também na alegria comum. enquanto que quando nós temos uma compaixão, a compaixão comum, na perspectiva comum ela não nos causa estranheza, mas quando nós estamos olhando em uma perspectiva ampla, a alegria ou a tristeza estão juntas, são sintomas de dukkha. Aquilo que nos produz alegria hoje nos produz uma fixação, essa fixação é a raiz do sofrimento subsequente. É muito raro, os gremistas de modo geral tem esta habilidade, sorriem quando o time ganha e quando o time perde dizem: “ah, futebol não importa”, o time ganha: “ahhh”, esses são os torcedores budistas!! Outro dia vi um exemplo disso entre os colorados onde o Grêmio perdeu o último Grenal, o jornalista estava comentando e perguntou para uma colorada, “o que você achou do jogo?”ela respondeu: “que jogo? Não vi jogo nenhum”, rrsrrsrs. Se nós temos uma expectativa, aquela expectativa parece neutra, mas ela não é neutra, ela é a origem do sofrimento, essa é a compreensão estratégica, estamos todos presos nisso. Se olharmos todos os seres da Terra, do ar, da água, os seres todos eles presos com expectativas e sofrimentos, é inevitável isso. Fica claro também que os seres estão presos a uma mente insaciável, que é upadana, eles têm desejos e apegos, ficam sempre em ações volitivas ligadas ligadas a desejo e apego, esse é o ponto de upadana, como se eles estivessem constantemente condenados a ficar procurando coisas que eles tem desejo ou apego. Nesse tempo que nós estamos vivendo, ligado ao mundo econômico, as pessoas querem comprar coisas, comprar coisas, ir à shoppings, querem alguma coisa desse tipo, esse é o processo essencial de upadana (1:25:13) Aí vocês olhem com cuidado, quando o vento,

o lung como um vento assopra a nossa mente e nós acordamos com upadana, nós nos sentimos vivos. Quando olhamos os objetos e vemos estes como desejáveis, não são apenas os objetos que são desejáveis, nós passamos a viver, porque a energia que vemos nos objetos é a energia que está operando em nós, tem um nível de não dualidade, de não separatividade, pensamos que a energia está no objeto, mas é a nossa energia nessa experiência, uma experiência dual que não é dual, porque a energia do objeto é a nossa, a nossa energia é a energia do objeto, nós surgimos junto.

Tomamos refúgio nessa mente, o que significa tomar refúgio em upadana? A energia que brota de upadana é a energia do brilho dos nossos olhos, a nossa vida opera desse modo, ela produz uma sensação de identidade, de vida, de existência. Essa sensação de identidade, de vida, de existência é o que vai dar sentido à palavra refúgio. Por exemplo, se pensarmos “eu tomo refúgio no Buda”, se não tiver uma energia que substitui a experiência comum de identidade, a experiência comum de vida e de existência, não tem refúgio. É um refúgio teórico. Ainda que a pessoa diga “Eu tomo refugio no Buda, no Dharma e na Sanga” é uma identidade que busca coisas por todo o mundo como upadana e agora ela diz que toma refúgio no buda, no dharma e na sanga(1:27:27), mas não alterou nada, tudo igual.

Eu estou trazendo essas reflexões para iniciar a abordagem da motivação mahayana, então existe a perspectiva comum da abordagem mahayana que é socorrer os seres nas dimensões de sofrimento comum deles e essa dimensão de grande compaixão que socorre os seres nesta estrutura de avidya, de moha, que é enfim se sentir normal dentro daquilo, e de upadana. Na medida em que nós entendemos isso, eu estou seguindo a estrutura dos 21 itens e eu considero que a primeira etapa da motivação está definida.

Na sequência nós poderíamos ver o nascimento no lótus ainda dentro do tema da motivação, irei falar disso brevemente: por exemplo, reconhecer que (1:29:02) olhando em todas as direções a partir dessas reflexões que fizemos até aqui, observamos que a vastidão de seres é ilimitada, seres mergulhados neste tipo de situação, ou seja, eles têm o refúgio nos três venenos e upadana. Por que eles têm refúgio na ignorância? Porque quando eles estão presos em uma visão fixa, o olho deles brilha e eles querem se mover daquele jeito. Por que eles têm refúgio no segundo veneno, que é aquisitividade e avareza? Porque quando trata de coisas que eles sentem que são deles ou que eles vão expandir como uma propriedade pessoal, o olho deles brilha, eles tem interesse, eles vivem aquilo naturalmente. E por que tem refúgio na raiva? Porque quando a raiva brota clara, eles se sentem mais vivos, mais reais, mais definidos, então eles têm essa noção do refúgio. Junto com isso, naturalmente, eles estão numa atividade incessante de buscar o que querem e escapar do que não querem, que é essencialmente upadana. Então olhamos assim e vemos que realmente não funciona bem, produz problema para todos os lados. quando olhamos deste modo, pode ser que brote em nós essa compreensão, que é o nascimento do lótus. Quando nós olhamos o sofrimento dos seres: o sofrimento é a água, os obstáculos que estamos descrevendo são o lodo, vemos lodo e água por todo lado. Dessa água e desse lodo brota o lótus, brota talo. Nós perguntaríamos, “brotaria em mim o refúgio mahayana? Se o olho brilhar de interesse pelos seres, para ajudá-los, isso é o talo do lótus, mas é muito raro que a gente olhe para o sofrimento e olhe para a ignorância, para os obstáculos dos seres e em nós brote um interesse verdadeiro em ajudá-los nesta vida e ajudá-los nas gerações subsequentes dos seres, que é o exemplo do Buda. O Buda olhou para frente, centenas de anos, buscando trazer benefícios aos seres; Guru Rinpoche olhou por tempos ilimitados para a frente e isso é maravilhoso. Esse representa o nascimento no lótus, brota isso, a energia não está vindo pela ignorância, pela fixação da

identidade, nem por uma sensação de conforto, nem por aquisitividade e nem por raiva, ela está vindo por compaixão pelos seres, na forma da grande compaixão. Se a gente tem essa energia, esse é o nascimento no lótus; se não tem essa energia, então isso não está acontecendo ainda, mas está bem, aí vamos seguindo como pudermos. (1:32:47) A gente já entende isso, então este é o nascimento no lótus.

De um modo geral dentro do treinamento dos 21 itens, vamos seguindo estes itens, mais adiante eu vou trazer, levar adiante esses pontos e trazer o nascimento no lótus como uma decorrência natural das 3 primeiras nobres verdades. Eu também vou trazer a maturidade do refúgio mahayana como a manifestação do 2º, 3º, 4º e 5º passo do nobre caminho de 8 passos. Tendo olhado a primeira abordagem de motivação, nós vamos passar para o item seguinte que é shamata. Antes de passar para o item seguinte, eu queria descrever uma forma de nós trabalharmos esses itens todos que pertence ao processo que utilizamos que é a abordagem circular, essa abordagem circular não é uma invenção, como o Buda dizia “girar a roda do Dharma”. A Roda do Dharma, oito raios, esse girar a Roda do Dharma é uma compreensão de que nós vamos percorrendo a roda do dharma e não atingimos uma realização final em cada ponto, mas nós vamos melhorando, na medida que nós giramos, nós voltamos ao primeiro item. Mas é muito diferente voltar ao primeiro item tendo passado pelos outros itens todos, do que nós nos defrontarmos com o primeiro item sem ter passado pelos outros, nós vamos girando a roda do dharma e daí cada um dos itens fica mais claro. Então, eu estou tratando aqui de motivação e se seguirmos até o final de motivação, a motivação já é a própria iluminação, não tem separação. Mas eu não posso começar falando isso, eu tenho que começar dentro de uma perspectiva introdutória. Eu começo a motivação como pertencente a uma pessoa, tem a motivação do samsara, tem uma pessoa ali, estou dentro da bolha falando com as pessoas, na perspectiva das bolhas. Ainda assim, a perspectiva de Chenrezig não é prender as pessoas nas bolhas, mas é sempre dar um passo seguinte. Quando terminamos de falar uma primeira abordagem da motivação, nós entramos em Shamata. (1:36:33) Vamos ampliar a capacidade da mente operar. Se eu fizer um pequeno circuito: shamata/ motivação/ shamata/ motivação, aquilo já melhora a motivação. Tendo praticado shamata, ao olhar a motivação de novo, agora eu consigo olhar de forma mais profunda. Isso é o “girar a Roda do Dharma” e podemos fazer esses circuitos bem curtos e depois vai incluindo outros itens e vai girando. Os vários itens vão se aprofundando, não tem como entrar no primeiro item e ir até o final completo. Eu precisaria criticar a identidade que está assumindo a motivação, criticar o materialismo espiritual da identidade que está se “achando”... Eu sou obrigado a fazer isso, purificando tudo. Então, para evitar essa informação tão complexa que a pessoa não sai do lugar, tenho que falar leve e remeter a outro item, falar leve e remeter a outro item, faz o giro todo e quando ela volta lá a pessoa se surpreende e consegue ir um pouco adiante. Isso é assim! Com o tempo vocês irão encontrar mestres que falam pouco porque cada vez que se fala, tem um obstáculo na fala, aquilo que é apresentado deveria ser criticado também. Tem sempre um problema nisso.